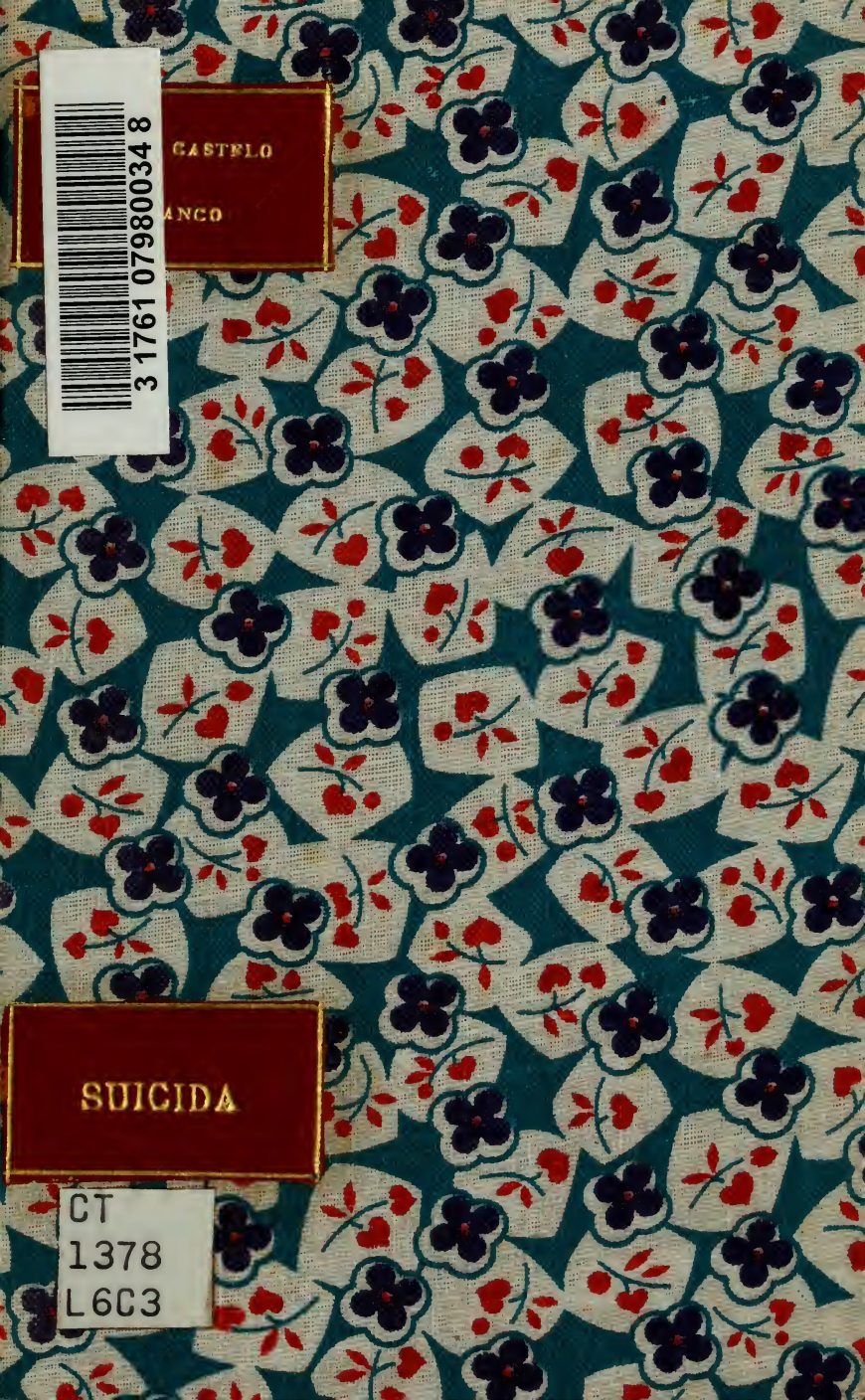


3 1761 07980034 8
CT
1378
L6C3

Camillo Castello Branco

SUICIDA

Cada suicida é um poema sublime de melancolia.

BALZAC.

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA

1880

Preço 200 reis

SUICIDA

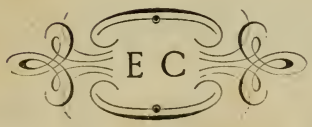
PORTO
Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 62
1880

Camillo Castello Branco

SUICIDA

Cada suicida é um poema sublime de melancolia.

BALZAC.



LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON, EDITOR
PORTO E BRAGA

1880

CT
1378
L6C3

ELISA LOEVE-WEIMAR

A SENHORA, que teve este nome, suicidou-se com um tiro, no Porto, no dia 30 do mez passado [1].

D'entre os meus escriptos de ha doze annos reproduzo um que a toda gente, com certeza, esqueceu, tirante o coração d'aquella que hoje é morta.

Dizia assim:

A Formosa das Violetas

Julio Janin, no folhetim do *Jornal dos Debates* de 30 de março do corrente anno (1863), escreveu

---

[1] Setembro de 1875.

o seguinte: «No anno da graça de 1836, o mez de abril correu aprazivel e delicioso; e no mez de maio resoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso abril e repontar o maio (apenas são volvidos vinte e sete annos e tres revoluções!) as turbas afanadas e curiosas acotovelavam-se no vestibulo do theatro da *Porte-Saint-Martin*. O já então popular e glorificado author de Henrique III, de Antony, de Ricardo de Arlington, da Torre de Nesle e de Angelo, n'aquella noite, puzera em scena um mysterio em que figuravam anjos e demonios. Agrupados á porta do theatro, muitos rapazes d'aquelle tempo cediam o passo á multidão azafamada, divertiam-se a vêl-a enthusiasmada, e notavam os homens conhecidos, os homens celebres, uns no começo, outros no termo da sua carreira. Eis senão quando todos os olhos convergiram sobre um soberbissimo trem, uma berlinda de Erhler, ajaezada á Brune, e tirada por uma parelha de enormes urcos inglezes, sahidos das cavallariças de *madame la Dauphine*. Um espadaúdo cocheiro, e um alentado hungaro de sete palmos de altura, afóra o pennacho, todo broslado de galões de ouro, completavam a equipagem que parou de súbito á porta do theatro. E, aberta logo pelo *keiduque* a portinhola, cahidos estrondosamente os degraus da berlinda, vimos apear um elegante moço.

«Não tinha ainda trinta annos; vestía com requintado esmero; gravata branca e luvas amarellas; estatura corpulenta e formosamente conformada; cabelleira clamistrada; bocca um tanto grande, mas graciosa; olhar ardente, e altiva compostura no aspecto. No braço do mancebo apoiava-se a leve mão de uma senhora, juvenil como elle, anciosa de volitar por sobre o espaço intermedio. Que linda ella estava com o seu vestido de primavera! Violetas na mão, violetas como adorno no chapéo de palha, ondulante faxa a tira-collo, calçada com extremada perfeição de botinas gaspeadas de cinzento e escarlate. Formosa e esbelta a mais não ser! A impaciencia tirava por ella; e o irmão caminhava a passo mesurado, com aquelles ares de homem que em si escuta a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais variegadas côres da pedraria dos ornatos e condecorações. Era barão em França, marquez em Hespanha [1], e socio do club dos fidalgos florentinos. Contava-se — e era verdade — que o somenos utensilio dos seus aposentos era de ouro: o seu lavatorio era de ouro armoreado, e dourada a sua camara. E, todavia, creiam-me, se quizerem: a sensação que nos causou foi a da admi-

---

1 Outro biographo, peor informado, diz *duque*.

ração sympathica; inveja, não. N'esta França, attenta e alheada nos apparecimentos de cada dia, taes como, de manhã, As orientaes, depois A carnagem de Missolonghi de Eugenio de Lacroix; ao meio dia, os discursos de Thiers; á noite, a opera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset, — entre nós, aquelle mancebo tinha, de pouco, revelado Hoffmann e os seus contos. Escrevia elle rapido, pouco e bem. Sabia inglez como um diplomata, e allemão como um philosopho. Pertencia n'aquelle tempo á nascente redacção do *Jornal dos Debates,* e chamava-se Loeve-Weimar».

Até aqui Julio Janin.

*

Nos arrabaldes de Londres, em uma quinta de delicias, quantas póde imitar da natureza a arte britannica, vivia, n'aquelle tempo, um portuguez que a intolerancia politica expatriára em 1828. A fortuna commercial dava-lhe desvelados amigos para o espirito, optimos convivas para a mesa e gentis mulheres para o coração. O nosso patricio, encarreirado prosperamente no trafico mercantil, assentou que lhe era dever acudir aos desterrados pobres; e assim,

quantos portuguezes se soccorriam de sua valia encontraram franco e inexhaurivel aquelle coração de ouro, e o ouro das suas gavetas. Os convivas habituaes da sua mesa eram um jurisconsulto dos mais celebrados em Londres, e um portuguez de excellentes qualidades, nosso ministro actualmente na côrte de Madrid [1].

Um dia, porém, os contubernaes sahiram do encantador abrigo do emigrado, porque eram de mais em alegrias, cuja dôce poesia está no resguardo e recolhimento de dous. O portuguez fôra o preferido d'aquella «formosa das violetas» que Julio Janin relembra no seu folhetim. M.elle Elisa Loeve-Weimar, a irmã do nacionalisador de Hoffmann em França, do barão, do marquez, do fidalgo florentino, casára com o nosso patricio, que era então um rapaz alegre como a felicidade, descuidado do futuro como criança a brincar entre flôres, todo expansibilidade em olhos e palavras do muito bem querer que lhe exuberava do coração.

Coração e nome são ainda os mesmos n'aquelle homem, vinte e sete annos depois. Porém, ha de reconhecer-se hoje o festejado e amado noivo da irmã de Loeve-Weimar n'aquelles cabellos brancos e fron-

---

[1] O snr. visconde de Soveral.

te avincada do jornalista portuense? Aqui vol-o apresento agora: estendei a mão áquella mão liberal que muitos infelizes beijaram. Abraçai José Joaquim Gonçalves Basto, e sentireis pulsar o melhor e mais infeliz dos corações!

*

Infeliz!... Com tão prospera monção ao entrar em bonançoso mar? Amado por aquella peregrina dama, cujo espirito cultivado em Paris e Londres competia com a distincção da belleza?

Infeliz, sim, e porque não? A desgraça, quando colhe de sobresalto os seus predilectos, quebra os elos da corrente que parecia forjada por esforço de virtudes domesticas para os duradouros contentamentos do amor. Compraz-se ella em abater e rasourar ao nivel das baixas condições os mais altos espiritos.

Gonçalves Basto, decorridos dous annos de esposo e pai, foi vencido na lucta com imprevistas calamidades commerciaes. Empobreceu. Sahiu de Inglaterra, e repatriou-se com a sua familia. De repente, e o mais logicamente que o puderam fazer, os amigos desampararam-o, desobrigando-se da divida, esquecendo o credor. Permaneceu, com tudo, leal no infortunio um que se mantivera desprendido na pros-

peridade: era José Vieira de Carvalho, moço portuense abastado, instruido e bom. Deliberára Vieira fundar um jornal de parceria com Antonio Bernardo Ferreira, e com o actual deputado e integerrimo caracter, o snr. Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães [1]. Fundaram a *Coalisão,* cuja redacção e responsabilidade aceitou Gonçalves Basto. Os proprietarios, porém, a pouco e pouco se desligaram de compromissos, declinando sobre o redactor o encargo de sustentar intellectual e materialmente o jornal. Gonçalves Basto, extincta a *Coalisão,* fundou o *Nacional,* faz hoje dezoito annos.

Entretanto, José Vieira, rico e celibatario, antevendo o proximo termo da vida, annuncia que a sorte dos filhos de Gonçalves Basto está segura nos seus haveres. Morre em Paris, e o testamento é roubado em beneficio de parentes remotos.

Na contra-revolução de 1846, Gonçalves Basto, ao serviço da Junta do Porto, foi nomeado commandante d'um batalhão de artistas. Reprime a indisciplina, e dá no campo o exemplo da coragem um tanto insubordinada, porque espingardeava os hespanhoes que transpunham as fronteiras do norte, quando a Junta lhe ordenára que respeitasse a intervenção. E, n'este

---

[1] Fallecido no dia 2 d'abril de 1879.

entretanto, a familia do jornalista, esposa e tres filhos, bellissimas e adoraveis crianças, viviam da gratificação mensal do commandante: *Dez mil reis*....

.....

*

José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu cortado de lancinantes dôres; porém, duas vezes tão sómente lhe vi o rosto lavado de lagrimas: foi ao resvalarem-lhe dos braços á sepultura dous filhos. A pobreza cerra-o de perto ha quinze annos; e elle como que tem minas de diamantes na mais risonha philosophia que ainda vi! É sempre com um sorriso que vos elle diz: «Não tenho nada». A desgraça tem d'estes sorrisos que são, a dentro do peito, unhas de ferro.

E ella, a «formosa das violetas» de 1836, a irmã do barão em França, do fidalgo em Florença e do marquez em Hespanha? Elisa Loeve-Weimar vai, algumas vezes, ao cemiterio da Foz, onde vicejam umas flôres plantadas por sua mão sobre a sepultura de um dos seus filhos. Alli, de certo lhe esquecem as pompas e as vaidades de sua brilhante mocidade. Aquelle cômoro de terra separa esta mãi das gloriosas presumpções da irmã do fastuoso litterato, da formosa que o principe dos folhetinistas francezes recordava vinte e sete annos depois com as calorosas ex-

pressões d'uma saudade que parece o reflexo do amor. Que tem que vêr no cemiterio da Foz aquella Niôbe com a sua belleza preconisada em Paris? Ai! formosura! flôr d'um dia, queimada pelo gear de uma noite! E tu, talento! flamma esplendente que mais nos cerras a escuridão, quando nos não alumias a vereda por onde o infortunio nos assalta! Ó santa de todas as dôres de mulher que é mãi! quem saberá contar as cruzes do teu calvario? quaes almas, sequer, se inquietam, pensando o que foste, o que és, e que paragem final te assignalou o destino!

⁂

Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezeseis annos o vir elle dizer dos teus infortunios em face d'uma gente que os ha de lêr por ser isto em folhetim e ageitado á guisa de romance. Quando entrei n'esta vida dolorosa das letras, achei-me comtigo. Encontrei-te n'este tormento de Sisypho e ahi te vejo ainda agora a rolar o penedo. Se ás vezes páras um instante na ladeira, é para contemplares como a estupidez e a infamia trazem avassallados os fiscaes da republica, e como elles galgam arreiados de placas e fitas, em quanto tu vaes descendo á margem do rio da morte, olhando em ti, e antevendo proximo o dia em que não terás um pão para repartir com tua fa-

milia. Ha trinta annos que esperas e trabalhas por affecto á patria e por forçada violencia de operario d'esta galé. Deves ter desmaios de angustia quando em ti reparas e não vês homem que possa dizer-te: «Soffri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu paiz a retribuição de igual desprezo». Lucta, meu amigo; e, quando mais não puderes, vinga-te morrendo como o soldado do padre Vieira, e vai saber nos segredos da divina Providencia que mal devias fazer á patria e aos teus concidadãos para que elles te beneficiassem».

*

Algum tempo depois, José Joaquim Gonçalves Basto, quando o circulo de ferro da penuria se apertava, encontrou a mão poderosa de um ministro que lh'o partiu. A salvadora chamava-se a *Justiça,* e o ministro era o snr. Fontes Pereira de Mello.

*

Ora, como em 30 de setembro d'este anno se suicidasse, no Porto, com um tiro, a minha «formosa das violetas», pareceu-me apropositada a ampliação e complemento do meu folhetim de 1863.

Elisa Weimar nasceu em Paris em 1805. O barão Nemi Loeve-Weimar, seu pai, era allemão, oriundo

de israelitas. Exercera funcções importantes na côrte de Luiz XVIII. Em 1814, quando o exercito prussiano infestou o territorio francez, a familia Loeve-Weimar retirou para Hamburgo. O futuro nacionalisador de Hoffmann seguiu alguns annos a carreira commercial; depois, apostatou do judaismo, converteu-se á fé catholica, e regressou a Paris, ao mesmo tempo que M.elle Elisa foi completar em Londres a sua educação litteraria.

Conhecedor dos idiomas e litteraturas do norte, o moço escriptor alistou-se vantajosamente de par com os litteratos de mais voga. Entrou seguidamente na redacção do *Album*, da *Revue encyclopedique* e do *Figaro*. Muitos livros allemães desconhecidos em França trasladou-os elle com estylo seductor; e da litteratura d'além-Rheno publicou em 1826 um compendio. Traduziu depois, com excellente exito, romances de Vander-Velde, CONTOS de Zschokke, de que auferiu renome e dinheiro a granel. Na *Revista de Paris*, cujo fundador foi, publicou novellas e artigos de esthetica. Em 1830 substituiu no *Tempo* o celebrado Imbert na redacção dos folhetins theatraes, e excedeu-o na graça mordente e na dicacidade engenhosa. A pujança do critico era tal que um empresario e director da opera lhe deu sociedade nos lucros do theatro, a fim de o amaciar e polir com o attrito do ouro. «É inutil acrescentar, diz um biographo,

que, no conceito do folhetinista, o modo como era dirigida a scena lyrica não deixava nada a desejar ».

Volvido um anno, solicitou-o a *Revista dos dous mundos* para escrever a « chronica politica ». N'esta ardua missão houve-se com rara fortuna e dexteridade, flagellando os personagens mais graduados. Os ministros galardoaram-lhe a satyra, enviando-o diplomaticamente á Russia com uma missão temporaria e especial ao imperador Nicolau.

Esta enviatura acresceu ás despezas dos negocios estrangeiros 60:000 francos annuaes: era cara a mordaça. Regressando a Paris, foi nomeado consul de França em Bagdad.

A revolução de 1848 esbulhou da brilhante posição o apostata da republica mal rebuçada; quando porém Loeve-Weimar chegou demittido a Paris, já a reacção vingou repôl-o na diplomacia, indemnisando-o da injustiça com o consulado geral de Caracas (America do Sul). Chegado á capital da republica de Venezuela, Loeve-Weimar, receando a febre amarella, pediu licença, e veio a Paris requerer a transferencia para o consulado geral de Lima, que lhe foi dado.

Preparava-se para a viagem quando a morte o arrebatou em Paris no dia 7 de novembro de 1854.

Acrescenta o biographo em phrases pouco funerarias: «A morte é de crêr que o apanhasse com

as madeixas encaracoladas em papelotes; porquanto o seu trajar, o apontado da sua pessoa, e mormente os esmeros que punha na sua cabelleira loura, lhe haviam sido a constante preoccupação da vida. A tal respeito, se conta que o primeiro dividendo que recebeu na empresa lyrica, empregou-o na compra de um vestido completo de velludo escarlate lavrado que lhe custou 25:000 francos. É o que faria, nem mais nem menos, uma *lorette!* Não custa, pois, a crêr que elle, sempre narcisando-se e sempre *rapaz,* acabasse, já em annos outoniços, por esposar uma estrangeira rica. Luiz Filippe fizera-o barão. Um dia, deu-lhe na venêta de abrir o seu brazão de fresca data em um manto de arminho com a corôa de duque; fez-se, pois, *enducalisar,* mediante dinheiro, pelo governo hespanhol. Afóra as obras já referidas, deixou SCENAS CONTEMPORANEAS, publicadas com o pseudonymo de *Comtesse de Chamilly.* O livreiro Ladvocat tambem imprimiu em 1840, sob o titulo homerico de NÉPENTHÈS, uma selecta de seus artigos de jornaes e revistas».

Um dos admiradores mais exaltados de Loeve-Weimar foi o insigne Philarète Chasles, professor do Collegio de França, ha pouco mais d'um anno fallecido, com reputação européa. Nos seus ESTUDOS SOBRE A ALLEMANHA NO XIX SECULO, publicados em 1861, recorda-se de Loeve-Weimar, no capitulo in-

titulado *Os tres magos do norte*. Um dos tres magos era o nacionalisador de Hoffmann.

São estas aproximadamente as palavras de Philarète Chasles: «...Vêde-me este personagemzinho [1] franzino e louro, gracioso e fino, melodioso e sardonico, taful, garrido, esbelto, refinadamente casquilho. Casou romanticamente. Assim se casavam quasi todos os litteratos do nosso tempo. É Loeve-Weimar, aquelle que escreveu o NÉPENTHÈS, e collaborou na *Revista dos dous mundos* com o doutor Véron, Charles Nodier e commigo. Acabou por ser em Bassora ou Badgad não sei que sultão oriental bochechudo, pantafaçudo, enojado, somnolento e amodorrado. Este pintalegrete, este chasqueador, aliás amabilissimo, que foi o adail, o porta-bandeira do motim litterario de 1815, não nascera para contemplações absortas nem aventuras grandiosas. O salão do seculo XVIII era a mais frizante moldura da sua vida e o theatro que mais lhe quadrava á indole. Procedia de Champfort, de Champcenetz e de Cazzotte. Tinha o desempeno social, o conhecimento dos homens, a flexibilidade, a solercia. Como *Congrève,* pavoneava-se de

---

[1] Julio Janin pintou-nol-o *corpulento*. Modos de vêr; mas M.me Elisa Loeve-Weimar disse-me que seu irmão era de baixa estatura.

não ser homem de letras. Arreda! Não que a tinta suja os dedos...

«Delatouche introduzira Hoffmann, e Loeve-Weimar nacionalisára-o francez. Loeve arregaçou os punhos, adelgaçou-lhe as grosserias, recoloriu as côres dubias, encurtou as demasias, elidiu os destemperos, amenisou as asperezas e recompoz, sob pretexto de versão, um novo Hoffmann, que deu brado em Paris. Inventou-se então uma palavra para tamanho exito: o *fantastico*... A França morreu de amores por Hoffmann falsificado por Loeve e apregoado por Koraff...»

*

Ahi está o que sei do irmão da suicida.

Esta senhora, quando eu a conheci em 1849, mostrava ainda uns traços esmaecidos de belleza rara. Representava trinta e cinco annos, tinha quarenta e quatro, e redigia uma folha em francez, cujo titulo me esqueceu. Collaborava n'esse semanario ameno o consul de França Mr. *d'Estrées,* que pereceu no naufragio do vapor *Porto,* em 1852. Eram tres os seus filhos, lindos e louros como ella e como o pai. Gonçalves Basto havia sido um homem gentilissimo. Dava ares de inglez, e nascera em Cabeceiras de Basto,

onde florece uma raça de homens celtas esculpturaes, e de mulheres fortes, raça callaica, ás quaes sobejam as exigencias musculosas da estatuaria.

N'aquelle tempo, ouvi dizer que a paz domestica do proprietario e collaborador do *Nacional* não era invejavel. De feito, Gonçalves Basto alimentava-se nos *restaurantes,* desculpando a irregularidade insalubre e estouvanada d'este viver parisiense com a faina jornalistica.

Elisa era mãi extremosa. Quando lhe morreu o terceiro genito, a criança mais angelical que ainda vi — uma menina de nove annos, — a mãi, n'um impeto de desvario, fugiu para a Foz com os outros dous filhos, e alfaiou elegantemente uma casinha contigua ao cemiterio, que então se andava construindo. Uma das primeiras lapides que alli se assentaram cobriu o cadaver d'um dos dous filhos. Este menino, se bem me recordo, era afilhado de Lamartine.

Visitei com frequencia esta senhora n'esse anno de luto e desesperação. Era solidamente instruida. Lia os livros portuguezes com rara intelligencia. Achava os romances peninsulares fastidiosos como a CÔRTE NA ALDÊA de Rodrigues Lobo. Dizia que nós apenas tinhamos um céo azul com uma bonita lua, e na terra muitas flôres e ribeiros crystallinos que nos inspirassem; mas que o romancista carece de sociedade viva, com as suas boas e ruins paixões. E

acrescentava que Portugal era geographicamente obrigado a ser um alfobre de lyristas.

Mostrou-me o seu album de autographos. Os mais preciosos dera-lh'os o irmão, que se carteára com parte dos seus contemporaneos illustrados. Tinha-os de alto valor historico, escriptos por Maria Antoinette, por Luiz XVI, por Chateaubriand, por M.me de Staël, pelos estadistas das grandes tradições. A sua livraria era pequena, e quasi toda ingleza. Não sabia o allemão; tencionava porém estudal-o, quando serenasse a tempestade que ainda rugia á volta da sua alma articulando-lhe os nomes dos filhos. Foi ella quem me deu o ADOLPHO, romance de Benjamin Constant, e me disse: «Leia-o em quanto lhe póde ser proveitoso». Li-o, e não aproveitei nada; nem ella, que o lêra tres vezes, aproveitára muito. Os livros nada ensinam na alçada do coração. A experiencia, sim; mas a lição vem tarde. Quem ensina tudo é a velhice. Ainda bem, se nos salva dos espectaculos do riso, e nos tira o pincel do bigode.

Henri de Weimar Basto, o filho primogenito, quando frequentava distinctamente a escóla polytechnica e auxiliava o pai traduzindo o *Times,* morreu tisico aos dezoito annos de idade, nos arrabaldes de Lisboa.

Fez-se então o crepusculo da noite infinita na razão de Elisa Basto; a treva, todavia, condensou-se

vagarosamente, porque a intelligencia reagiu com as suas poderosas energias á paixão que a dementava.

Principiou a estudar o idioma germanico de tão phrenetico modo que ahi mesmo denunciava o desconcerto do seu espirito. Gonçalves Basto raras vezes a visitava. Depois da morte do ultimo filho, deslaçaram-se de todo os frouxos vinculos que os ligavam. Encontravam-se n'aquelle filho os dous amores dos corações divorciados; era de ambos aquelle sêr querido e disputado á competencia de caricias. Morreu o incentivo, apagou-se a luz que ainda lhes mostrava ao longe a saudade na penumbra do passado amor: a pedra que o cobriu abafou tudo o mais! — acabaram alli com elle todas as recordações e esperanças. D'ahi em diante, cada qual habitava sua casa; ella na Foz, e elle na rua 29 de Julho.

Entretanto, Elisa pernoitava sobre os lexicons allemães, e decifrava a traducção biblica de Luthero. D'este afanoso estudo tenho á vista a prova no fragmento d'uma carta que me ella escreveu por esse tempo. Eu tinha publicado um folhetim de má prosa ácerca dos PROVERBIOS E CANTARES. Dos PROVERBIOS extrahira eu estes periodos dos capitulos XII, XIV e XV:

A mulher diligente é a corôa de seu marido; e a que obra cousas dignas de confusão far-lhe-ha apodrecer os ossos.

A saude do coração é a vida da carne, a inveja é a podridão dos ossos.

A luz dos olhos alegra a alma; a boa reputação engorda os ossos.

Isto, bom ou mau, está assim, em osso, nas versões biblicas portuguezas; porém, a illustrada e talvez religiosa dama, acudindo pelo siso do poeta hebreu, arguiu de muito paraphrastica e cavillosa a minha interpretação, e corrigiu-a nos seguintes termos:

..... *La meilleure, la plus exacte, la plus élégante traduction de la Bible c'est la traduction allemande de Martin Luther. Or voici, mot pour mot, les versets que Mr. C. C. B. a cité:*

La femme déligente est la couronne de son mari, la nonchalante est l'ulcère de son corps [1].

Un bon cœur est la vie de la complexion (constitution du corps); *l'envie est l'ulcère des os.*

Un cœur joyeux rend la vie agréable; mais une humeur sombre desséche le corps.

Une visage amicale rejouit le cœur, une bonne renommée engraisse le corps.

Le langage affectueux est du miel qui conforte l'âme et rafraichit le corps.

---

[1] Traslada a versão de Luthero correspondente a cada verso.

Na verdade, o monge augustiniano, vertendo para *corpo* o que os SETENTA *ossificaram* desgraciadamente, expungiu dos versiculos a parte picaresca. Bom foi isso.

*

A demencia de Elisa Weimar manifestou-se n'um lance que, a não ter a irresponsabilidade da loucura, seria o maximo desdouro — uma catastrophe moral. Foi ella pessoalmente delatar á authoridade civil que seu marido e outras pessoas conjuravam contra a dynastia e elaboravam tramas sanguinolentos nos subterraneos da officina do *Nacional*. O magistrado, como se a respiração da mentecapta o contagiasse provisoriamente, lançou inculcas, adestrou espias, afuroou certas luras onde os conspiradores poderiam alapardar-se. Afinal relaxou-se um pouco, confiando a sorte da dynastia ás fatalidades indeclinaveis do destino.

D'outra vez, a deploravel senhora, quando o meu querido amigo José Cardoso Vieira de Castro era já fallecido em Loanda, denunciou ao administrador do bairro de Cedofeita que, em casa de seu marido, estava escondido Vieira de Castro, fugitivo de Angola, onde, de accordo com as authoridades, dera morto por si. Esta denuncia foi desprezada com bastante

admiração minha. Varias pessoas me disseram por esse tempo que Vieira de Castro passeava vivissimo na America ingleza; não seria, pois, absurdo fazel-o viajar até casa de Gonçalves Basto, na Ramada Alta.

N'esta visualidade de Elisa ha uma coincidencia memoravel. Na casa que ella indicára como escondrijo do condemnado, hospedára-se Vieira de Castro com sua senhora, quando chegaram a Portugal. Morava então alli seu irmão Antonio. No anno seguinte, foi habital-a Gonçalves Basto, attrahido pela belleza do sitio e prazeres da jardinagem em que se occupava todas as horas vagas dos seus labores de escrivão de fazenda.

Aqui viveu tres alegres annos o fatigado lidador do jornalismo, cultivando flôres, morangaes, parreiras, e fabricando elle mesmo, na qualidade de lagareiro, o seu vinho, com que, no estio, deliciava os hospedes.

N'esta innocencia de patriarcha, o assalteou um dia a esposa, ao cabo de nove annos de divorcio, intimando-lhe que sahisse d'aquella casa que era d'ella. O fleugmatico marido enfardelou alguns objectos de primeira necessidade e mudou-se, como quem foge. Tinha juizo. Aquella visão etherea de J. Janin, olorosa de violetas, recendia agora á polvora e phosphoro dos rewolvers, desde que o rapazio da Foz lhe pegou de apupar as abas amorphas e infinitas

de uns chapéos de palha mastreados de escumilhas variegadas.

Magôa-me verdadeiramente desfazer algum tanto na sentimentalidade com que, em alguns periodicos, se lastimou a miseria de Elisa Weímar. Vi escripto que a suicida experimentára as agonias da fome, da casa sem aconchego, do desamparo dos indigentes. Não é exacto isto. Ha de haver quatorze annos que ella foi a Paris instaurar um pleito sobre a herança de seu irmão. A acção intentada terminou por conciliação, lucrando a irmã de Loeve-Weimar uma pensão annual e vitalicia de 3:000 francos. Além d'isso, recebia 18$000 reis mensaes que lhe dava o marido. 750$000 reis bastariam ao decente passadio de uma senhora com regular entendimento para governar-se; porém, se os proprietarios dos predios que ella habitava recorriam ao expediente das penhoras, é porque M.me Elisa Weimar não pensava normalmente ácerca dos senhorios; ou, no estado informe das suas idéas embaralhadas, não podia conciliar as obrigações impostas pelo Codigo civil, no artigo 1608, que reza: *O arrendatario é obrigado a satisfazer a renda, etc.*

De mais a mais, esta senhora presumia-se muito rica e muito perseguida pelos jesuitas — talvez reminiscencias delirantes da familia do general Simon de E. Sue. Á volta do Porto, reputava propriedades suas,

rusticas e urbanas, as campinas mais ferteis e os *chalets* mais imbrincados. Afóra isto, dava-se como directa senhora e emphyteuta de terrenos na Foz e outros pontos convidativos a edificação. De modo que, se lia no *Primeiro de Janeiro* ou *Commercio do Porto* o annuncio d'uma propriedade á venda, no dia seguinte contra-annunciava que a propriedade era sua, ainda mesmo que a não tivesse arrolado no tombo imaginario dos seus haveres litigiosos. Aqui ha mezes, um padre que se dizia procurador do meu amigo Custodio Teixeira Pinto Basto, replicando a um d'esses contra-annuncios, allegou, na imprensa, que a snr.ª D. Elisa Loewe-Weimar estava enganada; pois que os predios, quintas e chãos que ella reputava seus, eram indisputavelmente do seu constituinte o snr. Pinto Basto. Em resultado d'este desmentido, *assignado por um padre,* me escreveu M.me Elisa confirmando-me na guerra que os jesuitas lhe moviam, confederados em espolial-a porque era protestante e estrangeira desprotegida das authoridades portuguezas. Em virtude do que me rogava que sahisse em sua defeza e lhe communicasse os alvitres a seguir mediante cartas que, a uma hora determinada, eu devia introduzir pela fresta d'uma das suas janellas ao rez do chão, visto que a sua correspondencia lhe era subtrahida no correio pela Companhia de Jesus.

Ás vezes, parava na rua, e detinha-se a examinar a frontaria d'um predio. A final, recordava-se que era um dos seus, entrava no pateo, sacudia rijamente a campainha, e fazia saber ao morador que estava alli a senhoria para vêr se eram precisas obras na sua casa. Era inoffensiva; mas não deixava de ser incommoda esta maneira de doudice.

Ha quatro annos ainda, vestia-se singularmente. Quando a sáia era azul com requifes encarnados, o corpete era branco, e verde o filó do chapéo. Gostava muito do vestido de velludo preto e botinas brancas. Os transeuntes paravam descaridosamente a rir, e ella passava, triste e solemne como o symbolo da desgraça n'um baile de carnaval. N'estes dous annos derradeiros, trajava menos que modesta, pobremente, um capotilho côr de castanha, apresilhado na cintura, e um chapéo campestre de palha côr de bronze. Não erguia os olhos, nem correspondia aos cortejos, quando algum raro encontradiço com memoria e coração reconhecia, n'aquella mulher encanecida e trôpega, a esbelta e irrequieta franceza de ha trinta annos, e machinalmente se descobria como se faz a um esquife coberto de crepe e assignalado por uma cruz amarella.

*

José Joaquim Gonçalves Basto, no fim do anno passado, alegrou a minha mesa com a sua jovialidade, com as suas épicas faculdades digestivas. Estava comnosco Placido de Freitas Costa, um galhardo espirito com todas as graças petulantes dos rapazes de 1850. Não tem ainda trinta annos, e protesta contra o marasmo dos homens da sua geração — uma gente que tem o coração em modôrra e a alma anhelante no dominio de quatro inscripções.

Não havia ahi distinguir entre os dous na competencia de festivas rapazices. Alta noite, sahiram de braço dado, percorreram os theatros e passearam as ruas até ao romper da aurora. Gonçalves Basto perfizera setenta annos n'esse mez. Ao outro dia, Placido de Freitas dava um jantar ao decano da imprensa portuense no *Hotel do Louvre*. Os commensaes eram todos rapazes e alguns estrangeiros. Gonçalves Basto brindava-os nas suas linguas, e as risadas estrondeavam quando elle salgava os discursos com as facecias que se usam lá fóra nos lautos banquetes britannicos em que o corpo, mais debil que o espirito, resvala para debaixo da mesa, e todo homem se fica então parecendo com Horacio ou Numentano a resonar no triclinio.

Dous mezes depois, estando eu enfermo, disseram-me que José Joaquim Gonçalves Basto adoecera, pela primeira vez na sua vida. Ao outro dia, mandei

saber como passára a noite. Tinha morrido ás cinco horas da manhã.

*

A viuva, participando-me que seu marido era defunto, relatava o caso tão glacialmente como se historiasse o trespasse do seu quinto avô. Todavia, tinha magoados toques o seu estylo quando o arguia de haver deixado hypothecadas fraudulentamente as propriedades em beneficio de varias mancebas.

A falta do marido, que para ella representava quatro libras mensaes, verdadeiramente não authorisa a hypothese da pobreza. Os numerosos e extensos annuncios que publicava, em resalva das suas propriedades, eram pagos. Visitava as livrarias e comprava livros. Tinha uma casa decentemente trastejada, e servia-se com criados a quem pagava talvez, não os confundindo com os senhorios.

Quando o proprietario da casa lhe enviou mandado de despejo e sequestro no dia ultimo de setembro, Elisa Weimar fez trancar as avenidas. N'esse momento, a sua alma aterrada pelo estrondo dos esbirros que arrombavam as portas, estremeceu, e... acordou. Eis o momento da lucidez! Ao cabo de seis annos de demencia, relampagueou-lhe na razão o ful-

gor d'um corisco; e então, vendo-se desgraçada e ridicula, matou-se.

*

Adeus, minha «formosa das violetas»! O teu Julio Janin, o teu cantor, quantos te amaram e admiraram são já mortos, desde Henri Heine até Philarète Chasles. Como devias ter morrido antes da velhice, a tua alma sempre juvenil desamparou-te; e emquanto ella gemia nos cyprestaes do *Père-la-Chaise* a cada sahimento dos teus amigos da mocidade, o teu corpo inerte e estupido immergia no pesadêlo das sonhadas riquezas! Ias ser baldeada aos apódos das turbas, e levada pela policia á caverna das doudas, quando a tua alma regressou nas suas azas de luz, radiou por sobre a área negra da tua suprema desgraça, e ahi te alumiou o suave reclinatorio da sepultura. Era a hora bemdita ou maldita da morte. Abraçaste-a. Descanças. Em uma das tuas cartas me escreveste ha vinte annos, estas palavras de Balzac: *Cada suicida é um poema sublime de melancolia*... Adeus! quando eu souber onde a caridade te sepultou, irei levar-te um ramo de violetas.

FIM

Livraria de Ernesto Chardron

C. C. Branco — (*Originaes, traducções e reimpressões*).

—	A senhora Rattazzi. 2.ª edição	200
—	Eusebio Macario. 2.ª edição	800
—	Cancioneiro alegre	1$200
—	Os criticos do Cancioneiro	200
—	A freira no subterraneo	500
—	Memorias de frei João de S. Joseph Queiroz.	500
—	Amores do Diabo	500
—	Vida de D. Affonso VI	400
—	Compendio da vida e feitos de José Balsamo	400
—	O carrasco de Victor Hugo	500
—	Mosaico e silva de curiosidades historicas	500
—	Noites d'insomnia. 12 vol	2$400
—	A espada d'Alexandre	240
—	Poesias e prosas ineditas de Soropita	500
—	Echos humoristicos do Minho. N.os 1 a 4	400
Eduardo de Barros Lobo — Vespas. N.os 1 e 2		400
A. Pimentel — O Porto por fóra e por dentro. 1 vol		500
—	O capote do snr. Braz. 1 vol	500
Theophilo Braga — Floresta de varios romances. 1 v.		500
—	Visão dos tempos. 1 vol	500
Legouvé — Historia moral das mulheres. 1 vol		800
Julio Verne — Vinte mil leguas submarinas. 2 vol		1$000
Augusto Luso — Impressões da natureza. 1 vol		500
David de Castro — Vislumbres. 1 vol		500
B. Constant — Aprender na desgraça alheia. 1 vol		400
Villas-Boas — Os Papas dos tempos modernos. 1 vol		600
Visconde de Benalcanfôr — Na Italia. 1 vol		500
Tito de Noronha — Ditos da freira. 1 vol		400
—	Passeios e digressões. 1 vol	500
Méry — O Degredado. 1 vol		500
Arsenio Houssaye — A virtude de Rosina. 1 vol		500
I. V. Barbosa — Estudos historicos e archeologicos. 2 v.		1$200
Eça de Queiroz — O Primo Bazilio. 2.ª edição. 1 v.		1$000
—	O Crime do Padre Amaro. Nova edição. 1 vol.	1$200
Thomaz Ribeiro — Vésperas. 1 vol		1$000
Luiz A. Palmeirim — Galeria de figuras. 1 vol		800
Gervasio Lobato — A comedia de Lisboa. 1 vol		600
F. X. de Novaes — Poesias. 2 vol		2$000
Romeo Junior — Recordações litterarias		500
—	D. João II, romance historico	300

Porto: 1880 — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Caucella Velha, 62

CT
1378
L6C3

Castello Branco, Camillo
Suicida

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 18 03 15 016 4